

Depois de 487 anos, um arremedo de chance (final)

Sebastião Carlos de Oliveira Andrade (*)

Atenção leitores:

"Plus ça change, plus c'est la même chose"

No dia 13.10.1984,



Maria da Conceição Tavares revelava o conceito do terceiro ciclo do inferno, onde o Brasil está inserido, dentro da política econômica do governo Reagan, como concebida pelos economistas de Morgan: "O mundo deve ser ordenado em três círculos concêntricos".

1) O primeiro e mais importante é a base ampliada do Pacífico, que inclui Japão, Coreia do Sul e Formosa, somados ao Canadá e ao México.

2) O segundo é a Europa, região que se pretende enquadrar em negociações multilaterais complexas, sugerindo que as suas prioridades e políticas econômicas devem orientar-se

no sentido da liberalização fiscal e comercial.

3) O terceiro círculo contempla a América Latina, onde as seguintes combinações devem ser executadas:

• Abertura do mercado a produtos industriais avançados em tecnologia. Deve-se exigir um código explícito de conduta que governe o investimento direto estrangeiro. Deve-se inibir a maior especialidade em atividade de alta tecnologia, comunicação e serviços, a menos que os países latinos ofereçam concessões neste terreno. A liberalização do comércio e da gradação, exclusão dos direitos de preferência, não pode ser postergada sob a alegação ultrapassada de restrição no balanço de pagamentos, caso os países latinos queiram manter o acesso ao vasto mercado norte-americano.

• As perspectivas de crescimento da América Latina não podem repousar na capacidade de novos créditos nos balanços comerciais americanos, que

estão limitados por uma estrutura de capital. O potencial de crescimento a longo prazo da América Latina será melhor atendido por reformas domésticas, que criem um clima favorável ao investimento estrangeiro e às exportações. O comércio internacional é uma via de mão dupla (advirtência afável).

Qualquer semelhança com situações anteriores não é mera coincidência. O Brasil só poderá continuar exportando para os EUA se cumprir um código de conduta no que diz respeito à absorção de importações americanas, investimento direto e tecnologia. Nessas condições, seria possível, a longo prazo, atrair recursos de fora, incluindo a repatriação de capitais voadores que buscam refúgio na praça financeira americana.

Sabendo-se que o dinamismo de curto prazo, baseado nas exportações, não poderá ser mantido, que os níveis de reserva, estimados por quaisquer critérios,

e que as projeções mais otimistas do superávit comercial serão insuficientes para pagar o montante dos juros, é que a situação de dependência se repete.

— Realmente, Bank, não há o que temer, a jogada está muito bem armada. Acho que emplacaremos os quinhentos anos.

1º aviso ao leitor — Pela primeira vez, em 487 anos, tentou-se mudar a regra do jogo. O Brasil efetivamente tentou ser coerente com o programa do presidente Sarney de "soberania e independência". Como líder da dívida do Terceiro Mundo ou Círculo, o Brasil abriu uma pequena fresta, pela qual passaram, ainda apertadamente, a Argentina e o México. Espera-se que o Brasil consiga manter a fresta e por ela também passar.

2º aviso ao leitor — Assim, como no passado, Portugal não conseguiu pagar a dívida à Holanda e à Inglaterra com produtos primários, ao Brasil resta a chance de somente poder pagá-la se tiver condições

de acesso à nova revolução industrial, da indústria de conhecimento intensivo, de alta tecnologia.

Ademais, fica mais ou menos claro, que as distâncias de nosso país dos mercados consumidores não têm permitido a manutenção da competitividade dos nossos produtos de baixo valor agregado.

Aviso final — Embora Bank e Trust estejam, aparentemente, tranquilos, a guerra comercial do Japão e dos EUA se estenderá também à Europa, que assistirá à diminuição de seus superávits.

Para o Brasil amenizar os efeitos da guerra, terá de dar uma grande atenção a um ilustre e desprezado filho chamado mercado interno, casando-o com a promissora tecnologia tropicalizada e oferecendo-lhes o dote da reserva de mercado, sempre que merecerem.

(*) Diretor da Federação Internacional de Compras e presidente do Instituto Brasileiro de Tecnologia Gerencial.